

## Carl Rogers, o patético. Empatético, peripatético.

Afonso H Lisboa da Fonseca, psicólogo.  
[ahl.fonseca@gmail.com](mailto:ahl.fonseca@gmail.com)

Creio que é muito necessário, e até urgente, e fundamental, compreender e definir o sentido do *logos* metódico do modelo de Carl Rogers como eminentemente *patético*. Creio que ele, Carl Rogers, muito apreciaria ser desta forma entendido. Na verdade, creio que, pela compreensão de uma *patética* podemos compreender o sentido essencial do *logos metódico* do modelo epistemológico e ontologicamente compreensivo de Carl Rogers, esclarecê-lo e desdobrá-lo. De resto, o que não é pouco, estaremos compreendendo iguais qualidades da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial.

Eu, por certo, não utilizaria termos possivelmente chocantes para o senso comum, se não estivesse convencido do profundo interesse, neste sentido, de sua utilização.

Naturalmente que alguma *operação de limpeza* e de esclarecimento precisa ser feita, acerca destes termos, antes de prosseguirmos no argumento. Limpeza, certamente. Porque nenhuma palavra, talvez, tenha sido tão pesadamente torcida e distorcida, difamada e degradada quanto à palavra *pathos*. Na cultura contemporânea, o termo *pathos* lembra a condição de um rei destronado, em desgraça. *Pathos*, na verdade, expressa o *modo de sermos*, no qual vigoram, em seus plenos e efetivos poderes, eminentemente ativos, o afetivo, a emoção, o corpo, o sentido, os sentidos; o *vivido*, no sentido da vida vivida em sua imediaticidade. Pré-conceitual, pré-reflexiva, não teórica, não prática, não técnica, não comportamental, *poiética*. Caracteriza o que Buber chamou de *modo de ser eu-tu*; a vivência que Heidegger chamou de *ser-no-mundo*; a dimensão de ser que Dilthey caracterizou como *vivido*, *vivência*.

Ou seja, esse modo de sermos da 'vida vivida em sua imediaticidade aparescente', existencialmente fenomenal, ativa e criativa, potente de possível. Modo diverso do modo de sermos no qual vigoram a mediação do conceitual, da teoria, da moral, do científico, do técnico, do prático, do comportamento, da memória, da história.

Esse modo *pático* de sermos. Que, nas suas tonalidades de embriagues, mais se configura como um *drible de corpo na consciência*. Do que plena e lúcida consciência. Dionisiacamente, sempre, mais uma *tomada de inconsciência*, do que uma *tomada de consciência*.

Este modo de sermos, fundamental, imprescindível, ontológico e ontogênico. No qual *subpercebemos* propriamente, vivemos em sua qualidade própria, o *possível*, a *possibilidade*. E acolhemos e acalentamos a sua potencialização, o seu desdobramento, e *ato ação*. Este modo de sermos que é prerrogativa ontológica nossa de mergulho no *Ser*, na potência, no eterno retorno da força. Existencialmente, momento de uma *ins-pir-ação*. Meramente porque nele, e só nele, o possível, a possibilidade da superação, que qualificam o humano, são possíveis e se desdobram.

Estas são qualidades do *pathos*, enquanto modo humano de ser. E o sentido de uma ética, um modo de proceder, que o privilegia. O sentido de uma *pathética*. *Path Ética*. Ou seja, de uma ética que privilegia as qualidades de um *modo páthico de ser*.

Pois bem. Na medida em que o corpo foi desqualificado, no decorrer do desenvolvimento socrático-platônico da civilização ocidental; na medida em que o possível e a força, a potência, foram abominados, o *pathos*, que é corpo ativo, e morada e agência do possível, a dimensão do possível que constitui o nosso ser, e de sua atualização, o *pathos* foi, igual e concomitantemente abominado. A palavra (*pathos*), o conceito, este modo de sermos, foram virulentamente assacados, massacrados, torcidos e distorcidos, difamados, degenerados... Até representarem, e intensa e predominantemente conotarem, o sentido de doença, na concepção de *patologia*. Ou de “doença” mental, em sua mais soturna apropriação pelo ressentimento, na expressão *psicopatologia*\*...

Foi necessário o Humanismo da filosofia européia do Século XIX, na sua volta ao Renascimento e à antiguidade grega; foi necessário Nietzsche, e a Fenomenologia, para resgatar o sentido e o valor do corpo, do vivido e dos sentidos. Para resgatar o valor do *pathos*, e de uma *path-ética*. Para que se pudesse afirmar e resgatar o *pathos*, o modo de ser da vivência pática, como um valor.

Até que se pudesse entender que este modo *pático* de ser faz parte de nosso ser, faz parte de nossa saúde, e é, não só, a fonte desta saúde, como a fonte de nosso ser. Fonte seminal de geração e regeneração de nós mesmos, e do mundo que nos diz respeito. Aos quais podemos criar e recriar, gerar e regenerar, na medida em que aceitamos e integramos, em que afirmamos, em que vivenciamos na sua propriedade o nosso modo *páthico* de ser. Que, de resto, só pode ser extinto muito depois que estivermos, nós mesmos, extintos. Isto por um motivo muito simples, e comum a todos nós: somos seres do possível, e é especificamente nesse modo *páthico* de ser que o possível é possível, e se desdobra.

---

\* Na verdade, aí, um predomínio do sentido latino do termo, de *sofrete*, *paciente*, que amálgama ao sentido grego original.

Na verdade, é a restrição, em nossa vida, desse modo *páthico*, o seu sufocamento, na reiteração excludente dos ditames e limites da hegemonia da consciência lúcida, calculativa, asséptica, repetitiva, medíocre, obsessiva; a restrição e sufocamento do *páthico* na hegemonia do limite, do individual e da individualidade, que é a base para o que metaforicamente podemos chamar de “doença”, num sentido existencial, e para todos os distúrbios somáticos que podem daí decorrer.

Patéticos sempre houve. Aqueles que entendiam a loucura da interdição de nosso modo *páthico* de ser, imolado no altar da vontade de abstração, da racionalidade conceitual, da abstração do corpo e dos sentidos da vida vivida em sua imediatez. Vontade que mal se escondia e se esconde como má vontade para com tudo que é vivo, e que de vida palpita. *Patéticos* que assumiram uma *ética do pathos*. Ou seja, um modo de proceder que não exclui a afirmação do *pathos*, do *páthico*. Que na verdade o privilegia como modo ontológico de sermos.

Os pré socráticos, que privilegiavam o corpo, o vivido e os sentidos, assumiam uma perspectiva de privilegiamento do *pathos*. A escola filosófica de Aristóteles ficou conhecida como escola dos *peripatéticos*.

Normalmente, quando se indaga o que significa termo *peripatético*, responde-se, apressada e sumariamente, que ele designa o fato de que os filósofos desta escola *filosofavam andando*. Daí, diz-se, este termo como designação (!?).

Esta “explicação” sumária deixa de fora o sentido maior. De que, à medida que se caminha, a abstração mental, a mente reflexiva, conceitual e calculativa, cede progressivamente lugar ao modo de ser de uma vivência *pática*. A mente reflexiva cede lugar a uma acentuação do *pathos*. De modo que o que os filósofos *peri-path-éticos* buscavam era esta acentuação do *pathos*, e a *filosofação* a partir desta vivência acentuada do *pathos*.

*Patéticos*, então, na medida em que assumiam uma ética, um modo de proceder, que privilegiava o *pathos*, a *vivência pática*, enquanto método de *filosofação*.

Mais que isso, *peri path éticos*, na medida em que não apenas privilegiavam a vivência *pática* como método, mas assumiam uma atitude ativa de afirmação, e ativo mergulho, no modo *pático* de ser como estilo de *filosofação*. Uma querência pelo risco e pela tentativa *poiética* de atualização de seus possíveis. Daí também o sentido de *ex-peri-mentação*, num sentido fenomenológico existencial.

Aristóteles, seus colegas e discípulos, eram, assim, *peripatéticos*. E propriamente pode-se, assim, dizer que fizeram escola. Não só *patéticos*, como *peripatéticos*, o foram também, dentre outros, Brentano, Nietzsche, o Expressionismo e os expressionistas, Heidegger...

De modo que quando descobriram como método não só a *path ética*, mas, em específico, a *peri path ética*, como modo privilegiado de ser, para o terapeuta e para o cliente, os psicoterapeutas fenomenológico existenciais, como Carl Rogers e F. Perls, não só não estavam sendo exatamente originais, como estavam em muito boa companhia...

Começou lentamente, com a qualitativa contribuição de C. G. Jung e de Otto Rank, e Sandor Ferenczi, que entenderam que a psicoterapia não tinha a ver com o tecnicismo inerente a um modelo objetivista, o modelo médico, em particular, que preconizava a intervenção de um sujeito, o psicoterapeuta, sobre um objeto, paciente. Evoluiu com as mudanças paradigmáticas dos psicoterapeutas fenomenológico existenciais europeus, como M. Boss e L. Binswanger, e os psicoterapeutas relacionais, que enfatizavam a imediatez da relação inter humana como elemento fundamental do processo terapêutico. Até desaguar nos modelos *peripatéticos* das abordagens de Carl Rogers e de Fritz Perls. Ambos preconizando, e buscando criar condições para o, *patético* mergulho ex-*peri*-mental do cliente, mergulho efetivamente *peripatético*, como recurso fundamental do *logos* metódico de seus modelos.

Concomitantemente, vale observar que, a preconização de uma vivência *peripatética* para o cliente, a partir dos vetores de sua atualidade e atualização existenciais (e não de uma experiência moralista, científica, técnica ou teorizante), como recurso fundamental de método psicoterapêutico e psicológico, é acompanhada por igual prescrição de disposição metodológica para o terapeuta. Uma disposição fenomenológico existencial experimental, *peripathética*, como disposição metodológica hábil a facilitar e a potencializar a vivência e desdobramento da vivência do cliente.

Não podemos dizer que Carl Rogers tivesse, ao tempo de sua morte, uma articulação teórica, ou consciência plenas, do alcance de suas intuições *peripatéticas*. Mas podemos certamente dizer que é ele que vai mais longe na preconização e na prática da vivência *peripatética* como *logos* metódico de uma abordagem de psicologia e de psicoterapia.

Muito particularmente, em especial, porque ninguém certamente, como Rogers, percebeu, e amplamente exercitou, de um modo preponderantemente empírico, o poder *pático*, o poder de propiciamento *peripático* do grupo, como ambiência terapêutica, de trabalho psicológico e de crescimento humano. A vivência do processo grupal, e de seus desdobramentos vivenciais, como ambiência propícia para a vivência *peripatética*, e suas implicações, como modo de ser no âmbito dialógico no qual o possível é possível e se desdobra.

Se podemos dizer que Rogers não tinha uma consciência plena, e, em particular, uma articulação teórica cabal, do alcance de suas intuições, não podemos deixar de ressaltar que, desde o início, suas intuições eram neste sentido distintas. O que se configura muito claramente a partir do momento em que ele

passa a falar de *empatia* – *em-pathia*. E que *Empatia*, especificamente, significa “dentro do pathos”.

Como formulador de uma abordagem de psicologia e de psicoterapia, Rogers opera um verdadeiro *striptease* de concepção e método, em direção a uma preconização da vivência *pática* como ambiência e recurso psicoterapêutico. Preconização amplamente protagonizada experimental e empiricamente por ele próprio, seja ao nível da vivência da prática da psicoterapia individual, seja ao nível da vivência grupal.

Rogers vai abrindo mão, enquanto psicólogo, enquanto psicoterapeuta, e enquanto facilitador de grupo -- e libertando o cliente --, de uma concepção e de uma prática técnicas, de uma concepção e de uma prática científicas, de uma concepção e de uma prática moralistas, de uma concepção e de uma prática realistas. Como característica de prática e de concepção de si próprio enquanto psicólogo, psicoterapeuta, e enquanto facilitador de grupo.

Rogers vai abrindo mão de um desempenho moralista, de um desempenho técnico, de um desempenho reflexivo, de um desempenho científico, ou cientificamente assentado, e mesmo desempenho prático, em direção ao privilegiamento de uma vivência *páthica*, de uma *path-ética*, *em-pathética*, na verdade *peripathética*. Nem *teoria* nem *prática*, na verdade uma *poiética*.

Não é outro o reconhecimento que ele faz do valor de saúde no exercício da *liberdade experiencial*, da *avaliação organísmica da experiência*. De resto já preconizadas por F. Nietzsche.

Rogers evoluiu decidida e alegremente no sentido de um modelo que se esmerava em criar condições para que o cliente pudesse dar-se aos influxos de sua experiência organísmica, aos influxos dos poderes de sua atualização e avaliação organísmicas, no âmbito de uma vivência *páthica*. Isto é o que podemos entender como uma *patética*. *Peripathética*.

O Rogers que encontramos na segunda metade da década de setenta, até o final de sua vida, é um Rogers imerso no privilegiamento da vivência *peripatética* no contexto da vivência grupal.

Evidentemente que existe em Rogers uma consideração substancial sobre o método do terapeuta, sobre o seu modo de ser e de proceder na criação das condições para que a vivência *páthica* do cliente possa ser privilegiada. E, na verdade, o que Rogers propõe, no essencial, como modo de ser do terapeuta e do facilitador de grupos, é o modo de ser da vivência *páthica*, *empáthica*. Rogers propõe, em essência, um terapeuta, um facilitador de grupos, *em-páticos*. Que privilegiem se situar, nos melhores momentos de vivência de seu *logos* metódico, dentro de sua vivência *páthica*, como modo de ser do terapeuta e do facilitador de grupo. Modo de ser este que pode potencializar a vivência *páthica* do cliente e dos membros do grupo, o modo próprio à atualização de seus possíveis.

*Patético, Empatético, Peripatético*, é o modo de ser privilegiado pelo terapeuta e pelo facilitador de grupo que adota o modelo rogeriano, seguindo o caráter e o estilo *patético, Empatético e peripatético* de seu preconizador.

Foi ousado, muito ousado, Carl Rogers, abrindo mão dos sisudos referenciais da ciência de antanho, dos poderes e pseudo poderes que esta faculta, dos poderes que permitem a postura técnica, a postura teorizante, a postura moralista, e mesmo e em especial, os valores da prática --, mesmo sem ver claramente o outro lado da travessia.

Hoje, podemos claramente entender que a ciência, o científico, o técnico, o teórico, o prático, o moralista, não dão conta da laboração ao nível do existencial, não dão conta da existência, na projetatividade do possível e da possibilitação a ela imanescentes.

Numa imagem ainda insuficiente, podemos dizer que a relação da ciência com a existência é análoga ao pegar em pétalas com luvas de siderúrgica. O técnico constitui-se como uma acentuação, ainda, da discrepância. Na medida em que se configura como aplicação do conhecimento científico.

Rogers entendeu isto claramente. E, ainda que não o tivesse articulado teoricamente, fez os movimentos decisivos para definir e constituir a prática da psicologia, da psicoterapia, da facilitação de grupos, no âmbito própria e especificamente da hermenêutica fenomenológico existencial. Diante das insuficiências e inespecificidades da ciência, da técnica e do moralismo, em relação à existência e ao processo de sua atualização.

Limitações e insuficiências na articulação teórica, ainda que carentes de superação, não impediram Rogers, não obstante, de experimentar amplamente, ao nível da prática empírica, o modo de privilegiamento do *pathos*, a *patética*, *peripatética*, a ética, como modo de procedimento, de uma hermenêutica fenomenológico existencial, no âmbito da psicologia, da psicoterapia e da facilitação de grupos.

Em particular porque este modo de procedimento é o modo próprio e hábil para que experimentalmente se possa engendrar respostas para questões sobre “o que é que esta pessoa pode?” “O que é que pode este grupo?” “O que podem os seus participantes?” “O que posso eu...”

Na medida em que descobrimos e redescobrimos que é ao modo de ser de uma *ex peri path ética* que o possível -- que nossa atualidade existencial reivindica, solicita, ou desesperadamente demanda -- que o possível é efetivamente possível, e se desdobra. Possibilita-se.

Temos a descortinar-se diante de nós os primórdios e toda uma história possível, teórica e prática, teórica e empírica, *poiético* empírica, da psicologia, da

psicoterapia, e da facilitação de grupos, pertinente a um paradigma *peripatético*, um paradigma fenomenológico existencial hermenêutico.

E temos a saudar, efetivamente, um grande e sincero pioneiro, com suas ousadas experimentações. O Dr. Carl R. Rogers, um membro distinto da “confraria” dos *patéticos*, *empatéticos*, *peripatéticos*...